

Em declarações ao «Diário de Notícias», delineando o divórcio que passou a existir entre o PL e a UDN, desde a vitória do «realismo», o sr. Raul Pila faz advertências severas e oportunas aos líderes udenistas, sobretudo esta: «com o «realismo» a nação fica desamparada e o estará enquanto o papel abandonado pela UDN não fôr suprido por outra organização política poderosa e realisticamente idealista».

O sr. Raul Pila não prosseguirá no debate porque considera que se trata de um «debate equívoco»: «o verdadeiro idealismo — diz — não deixa de ter contacto com a realidade; parte da realidade actual, a fim de preparar a realidade futura». E caracteriza as sombrias perspectivas que se abrem para o país desde que o sr. Cândido Ferraz, servindo-se da ambição do sr. Juraci, traçou a conduta política do maior partido de opposição.

* * *

Foram as seguintes, as declarações do sr. Raul Pila:

— «Eu decidira considerar encerrado, no que me tange, o debate sobre o «realismo» da União Democrática Nacional. Inquirido, porém, pelo «Diário de Notícias», não me furto a dizer ainda alguma coisa.

Trata-se de um debate equívoco. O verdadeiro idealismo não deixa de ter contacto com a realidade: parte da realidade actual, a fim de preparar a realidade futura. A não ser assim, deixa de ser idealismo, para se tornar utopia. E o realismo? Que se deve entender por isto? Pode-se definir a política do que é, e não a do que deve ser. Realismo e conformismo são quase a mesma coisa. Há, porém, muita diferença de realismo a realismo. Há o realismo miópico, que somente sabe considerar os interesses imediatos. Por exemplo, o realismo do partido que apenas se preocupa com a conquista de posições e a exploração do poder, sem perceber que tal conquista pode ser precária, em consequência de realidades mais amplas e profundas, que não percebe, ou despreza.

E há o realismo que abarca toda a realidade e, por isto, procede com movimentos mais amplos e, para o observador desprevenido, sem relação aparente com a realidade. Este realismo, conforme a amplitude da sua visão, pode confinar com o idealismo, se com êle não chega a confundir-se.

Ora, o realismo da UDN é evidentemente do primeiro gênero. Reduz toda a tremenda realidade política brasileira à conquista do poder. Pouco importa como e com quem: o essencial é chegar lá. A corrupção dominante não a assusta. E depois da vitória, dado que vitória haja? Depois de conquistado o poder, o partido, que em caminho foi abandonando os seus princípios, só terá coerentemente uma atitude: conservar o poder, pois para isto lutou.

* DOIS REALISMOS, SEM DIFERENÇA

«Como se vê, sombrias são as perspectivas que o realismo do grande partido abre para o país. Entre o realismo dos que estão dominando e o realismo dos que pretendem dominar já não se nota grande diferença. É o mesquinho e insensato realismo do cotidiano, que não percebe a tremenda realidade que se está gestando, talvez para um futuro próximo.

Aí está toda a gravidade do fenómeno. Em 1945, a União Democrática Nacional assumiu grandes responsabilidades para com o país. Era não só o partido da redemocratização, mas também o da regeneração da vida pública, que a ditadura corrompera profundamente. Hoje, parece ver-se-lhe tornado incômoda esta preciosa bagagem. Procede ela, como se a República fosse uma bela realidade, regime estivesse funcionando satisfatoriamente e nada mais fosse necessário, senão ocupar posições. Haverá realismo mais distanciado da verdadeira realidade nacional? Não o creio.

Com tal realismo, a nação fica desamparada e o estará, enquanto o papel abandonado pela UDN não fôr suprido por outra organização política poderosa, e realisticamente idealista».